

A Espiritualidade Presbiteral Diocesana

ALGUMAS INDICAÇÕES

Pe. Nilo Buss
Reitor do Seminário Teológico de Tubarão

INTRODUÇÃO

Não pretendemos expor aqui todos os elementos da espiritualidade presbiteral diocesana. Um horizonte de busca marcou e ainda marca a reflexão da Igreja nas últimas décadas, neste período pós-conciliar do Vaticano II. A inspiração para essa busca veio especialmente da *Lumen Gentium*, da *Presbyterorum Ordinis* e da *Optatam Totius*. Disto derivou um grande esforço para re-situar o presbítero na eclesiologia do povo de Deus e na sua espiritualidade específica. Continua, pois, a tarefa de atualizar-se, nos programas de formação dos seminários, o referente a esta espiritualidade dos presbíteros, adequando-a aos sinais dos tempos.

Ao nível da Igreja Universal, a Congregação da Educação Católica comandou o carro-chefe para que cada Conferência Episcopal elaborasse as suas "Diretrizes

*"Espiritualidade
presbiteral
específica para
os desafios de
nossa época!"*

Gerais para a formação presbiteral" e, nelas, o que concerne à espiritualidade.

No âmbito do CELAM vimos a excelente atuação do DEVYM (Departamento de Vocações e Ministérios) e da OSLAM (Organização dos

Seminários Latino-Americanos). Até hoje estas mesmas instâncias esmeram-se, iluminando com sua reflexão as práticas dos presbíteros neste continente latino.

No tocante ao Brasil, o Setor das Vocações e Ministérios da CNBB, na Dimensão Comunitária e Participativa, tem-se empenhado muito. Poderíamos aqui trazer a lume os conteúdos dos inúmeros Encontros nacionais, regionais e diocesanos de presbíteros, bem como os mais variados Cursos, quer seja dos próprios presbíteros ou de formadores, que trataram desta temática. Com particular destaque lembramos, no Brasil, a atuação da CNC, Co-

missão nacional do Clero, com seus ENP's (Encontros Nacionais de Presbíteros) e a OSIB, Organização dos Seminários e Institutos Filosófico-Teológicos do Brasil. Quanta tarefa e reflexão para rerefer-se esta espiritualidade presbiteral específica para os desafios de nossa época! No Brasil poderíamos mostrar, com particular destaque, o caminho feito até se chegar ao atual texto da *Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil - Diretrizes Básicas*, aprovadas por Roma em maio de 1995. Este texto, ademais de trazer, atualizadamente, as "Diretrizes Gerais", em sua primeira versão de 1984 (Documento 30 da CNBB), o relê à luz da *Pastores Dabo Vobis*, Exortação Apostólica pós-sinodal de JOÃO PAULO II, fruto do Sinodo de 1990 sobre a "A formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais".

Ademais deste verdadeiro mutirão histórico que refletiu e ainda reflete sobre o ser e o agir próprios do Presbítero - e nisto vai a compreensão da sua espiritualidade - poderíamos ainda observar que nunca se escreveu tanto sobre o tema da espiritualidade como nos tempos atuais. Dela se ocupam as Pastorais, os Leigos, os/as Religiosos(as). Todos se perguntam sobre o sentido primeiro e último de ser e atuar no mundo. É uma busca insaciável. Parece que esta sede de sentido é também uma busca de segurança diante do inusitado dos tempos atuais. É uma busca pelo sentido cristão do ser e agir no mundo, frente às tantas propostas que não se inspiram necessariamente em Cristo, a Palavra definitiva do Pai. Karl RAHNER chega mesmo a afirmar: "O cristão do futuro ou será 'místico', isto é, pessoa que 'experimentou' Deus, ou não será cristão"¹. Assim sendo, será sempre fundamental, na espiritualidade, a experiência. E quem não chegar a ela?

1. INTERROGANDO-NOS

Diante do exposto, e porque a reflexão escrita sobre a espiritualidade presbiteral diocesana é já muito extensa, decidimo-nos a apenas indicar alguns aspectos. E iniciamos por questionar-nos. Muitas sãs as perguntas que nascem contextualizadas. Uma primeira - e nos parece ser central - é de como ser Presbítero hoje, levando a identidade do Cristo, Bom Pastor, no ambiente sócio-econômico-político e cultural, marcado por tantas contradições? Particularmente neste tempo, às vésperas de

um novo milênio, marcado pelo pluralismo religioso, com a acentuada deserção de supostos católicos para novas denominações religiosas, como expressar nosso pastoreio? Como alimentar a sempre renovada espiritualidade presbiteral diocesana, inspirando-nos nas atuais *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (Documento 54 da CNBB) e no atualíssimo *Rumo ao Novo Milênio - Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil em preparação grande Jubileu do ano 2000* (Documento 56 da CNBB)?

Como, em nosso ministério presbiteral, onde expressamos nossa espiritualidade, buscar a dupla inspiração de fidelidade: uma primeira, para com a fonte, o próprio Deus, que se revelou Pai e Mãe, Família, Mistério, Comunhão intra-Trinitária, que em seu Filho Jesus decidiu visitar-nos e amar-nos até a plenitude? Uma segunda fidelidade, para com os seres humanos, nossos irmãos, situados evangelicamente, desde o lugar dos mais pobres, das grandes massas excluídas de hoje, sem acesso às benesses do avanço tecnológico?

Como viver num contexto deste, como tantos desafios lançados, e reviver, de modo atualizado, a missão histórica de Jesus, o Bom Pastor, quando esteve, como humano entre nós, em sua encarnação histórica? Como fazer frente, em nosso pastoreio de presbíteros, à 'cultura da morte' que hoje, qual dragão do Apocalipse (Apc 12,3-9), arrasta consigo centenas de milhares de vidas, para privilegiar uma minoria, cujos deuses insaciáveis são o TER, o PODER, o PRAZER pelo mero prazer? Como ser presbítero-pastor, em tempos de modernidade, numa sociedade que expressa no consumismo sua busca e na instintividade prazerosa o critério para sua ética? Como ser sinal de um Deus da Vida pelo nosso testemunho presbiteral, pela alegria em servir, doar-nos, empenhar-nos, sermos voz profética e nisto sinalizarmos a ação histórica de Jesus? Como, afinal, sermos no mundo, lembrados como 'homens de Deus', no exercício de nosso 'ministério da síntese', animando o povo de Deus, coordenando-o, pastoreando-o, presidindo-o, assessorando-o nas coisas do alto?

Sentimo-nos particularmente interpelados a adentrar neste campo e divisar qual seja a nossa espiritualidade própria de presbíteros diocesanos. Estas poucas luzes as buscamos a partir das respostas às nossas perguntas e no horizonte do nosso trabalho, seja atualmente na formação presbiteral e, anteriormente ainda, no Setor Voca-

ções e Ministérios da CNBB. Muitas oportunidades tivemos de ouvir, na experiência de tantos irmãos presbíteros, por este imenso território brasileiro e mesmo latino-americano. As experiências, as perguntas, os contextos

"É esta teologia que, com a graça de Deus, conduz à verdadeira Sabedoria"

de cada presbítero são muito diversas. O campo da missão é complexo. As respostas são muito variadas para expressarmos nossa espiritualidade própria, que definimos como um modo de ser e viver, uma qualidade específica de

vida, como presbíteros. Situações e desafios sempre novos nos sobrevivem. Sentimo-nos, contudo, reconfortados com Dom Hélder CÂMARA, que, na altura dos seus 80 anos de vida, em atitude de ação de graças, diante de todos os seus irmãos bispos, proclamava com coragem e esperança: "Meus queridos irmãos bispos, quanto maiores os desafios para nossa missão como Igreja, mais apaixonante se torna a tarefa"².

Um outro testemunho de vida, busco-o no Mons. Valentim LOCH. Na aula inaugural do ITESC, em fevereiro de 1996, convidado a partilhar sobre seu Jubileu Áureo sacerdotal, contemplando retroativamente seus 50 anos de vida presbiteral, fez uma avaliação da nossa espiritualidade de presbíteros. E dizia, com palavras semelhantes a estas - mas peço perdão se, relendo-o, traio sua intenção original - o seguinte: "...muitos (presbíteros) sabem falar sobre Deus. Um número bem menor fala com Deus... e pouquíssimos param para escutar Deus". Na reflexão que segue, retomo o seu testemunho.

2. "...MUITOS (PRESBÍTEROS) SABEM FALAR SOBRE DEUS".

Assumimos como nosso o juízo de valor acima referido e nisto percebemos um primeiro escolho a evitar. Não queremos de maneira alguma dizer que o Presbítero, de verdadeira espiritualidade, não deva ser douto. Falamos duma particular exclusividade de cultura teológica. A propósito, lembramos o atual Cardeal-Arcebispo de Aparecida do Norte-SP, Dom Aloísio LORSCHIEDER, OFM que, numa das reuniões no Colégio Pio Brasileiro, em Roma, por ocasião do Sínodo de 1990, sobre a "Formação sacerdotal nas circunstâncias atuais", dizia: "É possível encontrar presbíteros, bispos, e até cardeais, que têm muita cultura teológico-pastoral, conhecimentos vastíssimos na área específica da vida eclesial... mas sem necessariamente possuírem fé viva e, ipso facto, verdadeira espiritualidade". Isto me faz igualmente lembrar o Pe. Evaristo DEBIASI, há tanto insistindo entre nós, no ITESC, que "...não é possível fazer teologia somente com a cabeça, mas é preciso fazê-la também com o coração e os joelhos". É esta teologia que, com a graça de Deus, conduz à verdadeira Sabedoria que intermedeia a ação de Deus na sua universal vontade salvífica.

Entrar supostamente no mistério de Deus pelo caminho da inteligência, da racionalidade científico-teológica e conseguir expressá-lo, até com relativa maestria, nem de longe esgota a riqueza do ser e agir de um verdadeiro Presbítero junto ao seu povo. A comunidade, mais do que de um bom cientista teólogo, e por mais que este possua a compreensão da pessoa humana no horizonte de todas as ciências, necessita de algo mais. Nada terá sentido e muito menos edificará o Reino, se a espiritualidade deste presbítero-pastor não levar, as marcas e a experiência do Cristo, modelo de todo Presbítero. Vãos são ainda os melhores planos de pastoral, mesmo os mais objetivamente e tecnicamente concebidos, se nasceram da pura competência científica e foram gerados nos ambientes burocratizados e meramente profissionais de supostos pastores do povo. Há uma primeira qualidade de vida, a sua espiritualidade, que é requerida dos presbíteros para que, do seu ser qualificado, brote necessariamente um

agir com a unção do Reino que irrompe com 'vigor e ternura', alcançando-o à altura da sua missão.

3. "...UM NÚMERO BEM MENOR (DE PRESBÍTEROS) FALA COM DEUS"

Da mesma forma será insuficiente o testemunho presbiteral de quem, mesmo captando a realidade humana, até com muita pertinência, sobre ela não soubesse atuar efetivamente e fosse como que mero interlocutor do povo junto a Deus. Este olhar do presbítero poderá estar eivado de ótica antropocêntrica. O povo de Deus, em seu peregrinar histórico, 'a caminho do Reino definitivo', necessita de mediadores que saibam mais do que levar a Deus o grito do povo, atingido em sua experiência pela 'cultura da morte'. Não basta prostrar-se diante de Deus se não se tem "ouvidos de discípulos" (Is 50,4). O presbítero de verdadeira espiritualidade não se faz somente palavra, discurso, exposição da realidade do povo de Deus. Nesta perspectiva poderíamos ter significativos exemplos de quem, muitíssimo capaz, inclusive na dinâmica do planejar, do coordenar, do animar o povo de Deus, no entanto é incapaz da verdadeira escuta do próprio Deus. Há uma tentação inata na pessoa humana, especialmente no presbítero, educado para utilizar-se da fala, da palavra, de encantar-se com sua 'produção' teológica, litúrgico-cultural e mesmo pastoral. Dessa forma, os momentos de oração do presbítero, a sós com Deus e mesmo com seu povo, em assembléia orante, se constituem em momentos ruidosos, de pura expressão verbal. A espiritualidade do presbítero e seu momento forte de inspiração deveria lembrar a atitude orante de Jesus, quando ensinou-nos a orar: "Pai nosso ... seja feita a vossa vontade..." (Mt 6,9). E ainda o seu grito agoniado, em momento crucial de sua vida, no monte das Oliveiras, ao orar ele mesmo: "Pai, se queres, afasta de mim este cálice. Contudo não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lc 22,42).

Uma espiritualidade presbiteral muito marcada pela ótica humana da subjetividade, quando se expressa a mera sofreguidão de falar com Deus desde o sentir humano apenas, não poderá levar o selo do Cristo-Pastor. Este modo de ser podemos constatar-lo em muitas das nossas assembléias, cursos, encontros e demais atividades pastorais que animamos, onde pouco espaço se dá ao silêncio para auscultarmos o próprio Deus, que quer, com o seu Espírito, fecundar a ação eclesial. Não dar-lhe espaço é incorrer em pobreza espiritual. A ação, em nome de Deus, reclama as nossas melhores energias. Por vezes nos queixamos de que determinadas atividades pastorais não caminham, sofrem de um estrangulamento. E chegamos a proclamar que envidamos o melhor para expressar o VER analítico com a maior profundidade possível e o iluminamos com um JULGAR teológico que avaliamos ser o pensar de Deus... Mas, por que não avança o AGIR pastoral? Por que as pessoas não estariam se comprometendo? E surge um infundável número de "por quês". Advirá, com suficiente clareza, a pergunta sobre o lugar de Deus em nossa tarefa, em nosso ministério? A centralidade é da oração, que leve à verdadeira união com Cristo, sem o qual, segundo suas próprias palavras, *nada poderemos fazer!* (cf Jo 15,5)

4. "...E POUQUÍSSIMOS PARAM PARA ESCUTAR A DEUS"

Há um segredo, e talvez poucos presbíteros chegam a este nível: é o da experiência, e não apenas o conhecimento, da alegria de ser verdadeiramente presbítero-pastor, alimentado por uma espiritualidade do Reino. Certamente vai na perspectiva da inquietude de Santo AGOSTINHO, quando escreveu que "inquieto estava seu coração enquanto não repousasse em Deus". Eis o segredo. No meio das correrias e ritmos alucinantes e estressantes do ativismo pastoral, a que muitos nos damos, se não reservamos um tempo prioritário para a escuta e con-

"Pouco espaço se dá ao silêncio para auscultarmos o próprio Deus"

sequente acolhimento da vontade de Deus, não experienciaremos verdadeira espiritualidade e não testemunharemos nada de muito significativo para edificarmos o Reino. Nesta busca há **duas fidelidades** a serem conquistadas e tornadas experiência. Uma **primeira**, busca o rosto do próprio Deus, tornado humano nos caminhos de Jesus Cristo, o Bom Pastor. Aqui procura-se adentrar o mistério do desígnio salvífico deste mesmo Deus. Ao adentrarmos esta experiência, deparamo-nos com a descoberta de um rosto de Deus-Pai-e-Mãe, com a descoberta do Amor por excelência, da Vida em plenitude, da misericórdia de um Deus que nos amou por primeiro e que é puro Dom. Da qualidade desta experiência, transformados por ela, pervadidos e tocados, virá a indicação do caminho para a **segunda fidelidade**: o caminho para os irmãos. E nisto o presbítero sentirá uma felicidade indizível como resultante de ter, com gratuidade, amado, servido e acolhido, pastoralmente, os seus irmãos, a começar dos mais pobres, dos mais à margem da vida. E entender-se-á nesta hora a palavra desafiadora do Mestre: "Eu não vim para ser servido, mas para servir..." (Mc 10,45).

Para chegar-se a esta dupla fidelidade, a saber, a Deus e ao projeto do seu Reino, por um lado e, por outro, ao compromisso com os irmãos mais excluídos do amor, deve o presbítero enveredar pelo caminho do discípulo do único Mestre, Senhor e Pastor. Indicaremos alguns aspectos que julgamos indispensáveis para uma verdadeira espiritualidade presbiteral diocesana.

4.1. Colocar-se em silêncio para encontrar-se com o Mestre

Procurando trazer à nossa consciência de presbíteros, elementos que poderão dar qualidade ao nosso ministério ordenado, iniciamos pela atitude de silenciar a tudo o que é 'prurido do mundo' (cf 2Tm 4,3), para podermos auscultar o Mestre, o Bom Pastor, o Servo de todos, o Sacerdote do Pai, o Amigo, o Esposo. É preciso curtir o Amado. Necessário se faz dispor de momentos significativos, seja na jornada diária, na semanal, na mensal, na anual, todos diferenciados na intensidade. Parar para escutar, contemplar, acolher, decidir-se, converter-se

sempre, renovar-se e "reanimar o dom de Deus que está em nós" (cf 2Tm 1,6).

Aqui refazemos nossa identidade nEle. Pela Igreja, recebida a imposição das mãos, nEle fomos consagrados, no Seu Sacerdócio. Feitos presbíteros na pessoa e no Sacerdócio de Cristo (*in Persona Christi*), para complementar, na história, na força do Espírito Santo, a obra da Redenção.

Muito a propósito, cabe aqui a *Leitura orante da Bíblia* e a *Liturgia das Horas*. É acolher o Amor de Deus na história. Amor-experiência, de modo contundente, humano, próximo de nós, na pessoa de Jesus, o Bom Pastor. Aqui o sacerdócio da vida de Jesus será a medida do nosso sacerdócio. O atuar de Jesus, contemplado e acolhido, será o nosso agir pastoral. A obediência de Jesus ao Pai, será a nossa obediência. Assim configurados com o Mestre, refaremos nossas forças, nossas energias, nossa capacidade de entrega, de doação no estado celibatário por amor ao Reino, em momentos extremamente exigentes que hoje vivenciamos e que desafiam a qualidade do nosso ministério presbiteral.

Quando, assim incorporados ao Cristo Senhor, a exemplo de Paulo, pudermos exclamar: *Para mim, o viver*

é Cristo (Fl 1,21) e, ainda: *Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim* (Gl 2,20), o nosso ministério, nosso agir, na expressão da caridade pastoral, não encontrará fronteiras e não receará enfrentar qualquer desafio. Experi-

"O sacerdócio da vida de Jesus será a medida do nosso sacerdócio"

mentaremos a mesma coragem de Paulo, quando escreve aos Romanos: *Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição...?* (Rm 8,35) Será, acaso, mais difícil o nosso tempo, hoje, do que as circunstâncias vividas pela pequena comunidade cristã de Roma, perseguidas pelos imperadores pagãos?

Em todo caso, se não nos dermos um tempo de íntima escuta e de experiência do Mestre, não estaremos à altura da nossa identidade presbiteral, para sermos hoje o "sinal de contradição" entre "as coisas do alto e as daque de baixo" (cf Jo 8,23). Dom Pedro CASALDALLIGA chega a afirmar, para os agentes de pastoral, não necessariamente presbíteros, mas tanto mais a estes: "Um agente de pastoral que não faça individualmente nem mesmo meia hora de oração diária, além daquela que faz em equipe, não tem a dimensão necessária do agente de pastoral"³. O que dizer então de nós, Presbíteros? Desta dimensão verdadeiramente orante da vida, quando contemplamos e acolhemos o Cristo, no seu ser e agir, e assim, com os olhos do Mestre, olhamos para a nossa tarefa, disto advém a qualidade de vida presbiteral, marcada de verdadeira espiritualidade. É ela que nos dará consistência interior, afirmação confiante, sentido de realização, maturidade humano-afetiva, capacidade de serviço, gratuidade pelo Reino, solidariedade efetiva, exercício da misericórdia.

4.2. O Lugar Central da Eucaristia

Sim, é na Eucaristia, diariamente celebrada, que nossa espiritualidade presbiteral encontra seu alimento e seu mais lúdimo fundamento. Eucaristia como expressão da entrega mais radical de Jesus por todos, para gerar vida em plenitude: *Este é o meu Corpo, entregue por vós... a minha Carne, imolada pela vida do mundo* (cf Lc 22,19 e Jo 6, 51b). Nesta Memória, porque presbíteros nEle, é que nosso ministério como serviço gratuito também adquire significado eucarístico, porque bebemos do mesmo cálice. Celebramos o amor-dádiva de Deus e nele celebramos também a nossa entrega. Oferecemos as experiências humanas, no diálogo entre o Bem dos céus e os bens da terra, para que as vidas mais sofridas dos nossos irmãos e irmãs encontrem sentido no grande ofertório que Jesus fez de si mesmo ao Pai e à humanidade. Assim nossas vidas, primeiro redimidas por Ele, em cada Eucaristia celebrada, tornam-se compromisso nosso, testemunho na história, para completar a obra salvífica. Nisto reluz por excelência nossa espiritualidade presbiteral. Chamados somos a atualizar sempre, não somente de modo ritual, mas também na concretude das nossas vidas que se oferecem nEle, quais "hóstias vivas" (cf Rm 12,1) para garantir, no tempo e no espaço, a certeza da Sua presença viva e salvífica.

4.3. A comunhão com o Presbitério Diocesano

Outra fonte de espiritualidade presbiteral é nossa comunhão na fraternidade sacramental, constituídos em presbitério. Com o Bispo formamos, pelo Sacramento da Ordem, uma nova fraternidade, que vai muito além da irmandade no sangue, na raça, na cor, no afeto, na simpatia, no sentimento do bem-querer. Somos, além da primeira fraternidade no sacerdócio comum, porque irmãos pelo Batismo, agora chamados à comunhão no sacerdócio ministerial do Cristo. Chamados somos a testemunhar qual foi a experiência da comunidade de vida apostólica de Cristo com os Doze. Chamados como presbitério a aprender e atualizar o gesto de Jesus que, depondo o manto e tomando da bacia e toalha, lavou os pés dos seus discípulos e depois, com sua oferta na Cruz, tornou-se o Cordeiro, o Sacerdote único da "nova Aliança em seu sangue" (Lc 22,20). Neste gesto supremo do Cristo, assim obediente ao Pai, na força do Espírito Santo, temos inspiração para nossa missão no presbitério, em comunhão com nosso Bispo, sinal de unidade em Cristo.

Para adquirirmos esta força comunal é preciso fazer experiência de verdadeira vida fraterna: gostar de reunir-nos para enfrentar colegialmente desafios comuns desde a Igreja particular, a nossa Diocese. Serão impor-

"Enfrentar desafios comuns desde a Igreja particular, a nossa diocese"

tantes, nesse sentido, os seguintes momentos: de oração em comum e de ajuda mútua, a direção espiritual, a busca do sacramento da reconciliação, a revisão de vida, o retiro anual, os momentos de lazer, as visitas gratuitas entre nós, a partilha da vida, a mútua confiança, a capacidade de dar e receber afeto, o respeito à individualidade que é dom para o enriquecimento mútuo, o respeito à alteridade, a aceitação - não sem sofrimentos, às vezes - da obediência em Cristo, quando das transferências... Será ainda expressão desta comunhão presbiteral, a formação permanente que buscamos, os Cursos de atualização, seja ao nível da Diocese, do Regional e mesmo ao nível Nacional. Aqui lembramos especialmente os Encontros Regionais e Nacionais de Presbíteros (ERP's e ENP's). Os desafios, sempre novos e cada vez mais complexos, nos convidam a que busquemos respostas em comum. Nisto se expressa a nossa espiritualidade presbiteral.

Toda esta riqueza, acima, de oportunidades e encontros e tarefas em comum, ampliará o nível de comunhão sacramental que se inspirará sempre e renovadamente no Mistério da comunhão intra-trinitária, do Pai, com o Filho, no Espírito Santo. Assim será possível superar o espírito individualista que esteriliza nossa missão e empobrece a força do nosso testemunho de *sal da terra e luz do mundo* (Mt 5, 13-14).

4.4. Assumir em Comum o mesmo projeto Pastoral

Sinal decisivo para conferir a riqueza da nossa espiritualidade presbiteral diocesana é a capacidade ou não que temos de assumir um compromisso comum de ação pastoral conjunta e articulada. É inegável a crise de identidade num presbitério no qual a fraternidade não é capaz de assumir um mesmo plano de pastoral. Opções pastorais em nome do individualismo resultam de que as soluções sejam buscadas ao nível do privado. Valendo qualquer opção fora da unidade, não há testemunho eclesial que se sustente.

No momento, vivemos um período fértil para expressarmos a colegialidade presbiteral. Estamos às vésperas do terceiro Milênio e dos 500 anos de evangelização cristã no Brasil. É um tempo grávido de significado sacramental. Somos chamados de muitas formas para um compromisso comum na grande missão da Igreja, a de evangelizar. Um forte apelo nos veio primeiro com a "Tertio Millennio Adveniente" (1994), de JOÃO PAULO II. Com a "33ª Assembléia geral da CNBB" (1995), chega-nos o convite interpelante com as "Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil". Quatro palavras-eixo nos dão preciosos indicativos para nossa ação prática: SERVIÇO, DIÁLOGO, ANÚNCIO E TESTEMUNHO. Cada uma delas, com desdobramentos específicos. À luz destas *Diretrizes Gerais* da CNBB ultimamos, em Santa Catarina, ultimamos o processo de avaliação do nosso "8º Plano de Pastoral..." e elaboramos as nossas "Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora em Santa Catarina". Elaboram-se os Planos das dioceses. Neste ínterim, na 34ª Assembléia Geral da CNBB (1996), os bispos aprovaram o documento *Rumo ao novo milênio - projeto de evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao grande jubileu do ano 2000*. É uma tentativa feliz de integrar a "Tertio Millennio Adveniente" de

João Paulo II com as "Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil" da CNBB. Dão-se pistas de ação para os Regionais, as dioceses e as paróquias.

Neste contexto, nós, Presbíteros, somos chamados à responsabilidade para uma contribuição muito concreta e específica nossa. Somos desafiados a reavivar em nós nossa espiritualidade singular de presbíteros diocesanos, pelo exercício da caridade pastoral. Chamados a evangelizar, inculturadamente, com 'novo entusiasmo, novas expressões, novos métodos', não devemos esquecer de que este anúncio explícito deverá vir acompanhado de um testemunho vivo da autenticidade da acolhida, em nós, do dom de Deus. A tarefa é ingente. O povo espera muitíssimo de nosso "ministério da síntese", discernindo, colaborando, facilitando a favor de todos onde e como poderão pôr a serviço da edificação do Reino os talentos do Espírito.

CONCLUINDO

Haveria ainda muito a dizer sobre onde buscar e como expressar a riqueza de nossa espiritualidade presbiteral diocesana. Não era nossa intenção, evidentemente, exaurir a temática. Dispusemo-nos, apenas, a indicar algumas pistas. Nas Notas e nas indicações bibliográficas há muitas outras reflexões que enriquecerão nossa busca.

Entre outros aspectos, poderíamos ainda discorrer sobre os seguintes: a dimensão mariana na espiritualidade do presbítero diocesano; um olhar mais aguçado sobre os Conselhos evangélicos da Pobreza, Obediência e Castidade; algo mais na perspectiva de

como nós presbíteros podemos facilitar em nossas comunidades o 'protagonismo dos leigos' e nosso relacionamento inter-ministerial com eles; uma palavra mais explícita sobre o inter-relacionamento com nosso Bispo e os Diáconos; uma palavra também sobre nossas formas de associação; nossa convivência com a vida religiosa consagrada, tanto masculina quanto feminina; a dimensão missionária do ministério presbiteral, em perspectiva de Igreja e de mundo...

Mais: a nossa responsabilidade com o discípulado, isto é, com a formação dos novos quadros de lideranças; maior elucidação quanto à caridade pastoral como fonte de espiritualidade; o não esquecimento da formação permanente, como instrumento necessário para a revisão e o cultivo da nossa espiritualidade; mais indicativos na linha da atuação do tríplice múnus: profético (*kérygma* e *martyria*), sacerdotal (*koinonia*) e pastoral (*diakonia*), entre outros.

Seriam todas contribuições que em muito ajudariam a ampliar a compreensão e a vivência da nossa espiritualidade presbiteral diocesana. Não faltarão oportunida-

*"Nossa
espiritualidade
singular de
presbíteros
diocesanos
pelo exercícios
da caridade
pastoral"*

des nem motivações, o cremos, para dar-nos a esta tarefa, tão essencial e primeira para amarmos o que abraçamos, respondendo ao chamado de servir ao Reino, pela Igreja, no ministério sacerdotal ordenado.

NOTAS

¹ Cf *Dicionário de Espiritualidade*, Ed. Paulinas, SP, 1989, pag. 349

² Cf *Comunicado Mensal da CNBB*, nº 430, ano 38, pp. 642-646

³ Cf *Tudo é oração* (mimeo), trad. rev. "Vida espiritual", Bogotá, julho/setembro de 1989, p. 3

BIBLIOGRAFIA:

GALILEA, S. *O Caminho da Espiritualidade*, Ed. Paulinas, SP, 1985

GUERRE, R. *Espiritualidade do Sacerdote diocesano*, Ed. Paulinas, SP, 1987

TEPE, V. *Presbítero hoje*. Vozes, Petrópolis, 1994

Compêndio do Vaticano II (LG, PO e OT), Vozes, Petrópolis, 1986

Estudos da CNBB nº 1: *Espiritualidade presbiteral hoje*, Ed. Paulinas, SP, 1974

Documentos da CNBB nº 55: *Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*, Ed. Paulinas, SP, 1995.

Documentos da CNBB nº 54: *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da igreja no Brasil*, Ed. Paulinas, SP, 1995

Documentos da CNBB nº 56: *Rumo ao Novo Milênio*, Ed. Paulinas, SP, 1996

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis*, Ed. Loyola, SP, 1992.

Documento da OSLAM: *Espiritualidad del Clero diocesano*, Arte Publicaciones, Bogotá, 1986

Vida Pastoral, Ed. Paulinas, SP, maio-junho/95, nº 182

Boletim da OSLAM nº 28, Edición especial, Bogotá, 1995

Comunicado Mensal da CNBB, n. 498, jan/fevereiro 1996, pp. 141-177.

Endereço do Autor:

Seminário Teológico de Tubarão
Caixa Postal 5073
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC

Espiritualidade e Espiritualidades

A Espiritualidade de um Presbítero Jubilar

Mons. Valentim Loch
Vigário Geral da Arquidiocese

Fui convidado para estar aqui hoje, e preferir a "Lectio Brevis", ou aula inaugural, do ano letivo de 1996. O convite me foi feito pelo Diretor desta casa, padre Manoel João FRANCISCO, a propósito do meu Jubileu Áureo Sacerdotal, ou seja, de Ordenação Sacerdotal, ocorrido a 08 de dezembro p.p.

Evidentemente, já que não sou teólogo, não me compete aprofundar um tema teológico, nem pretendo

falar sobre a teologia do Jubileu, embora se encontrem alguns dados preciosos na Escritura (Lv 25), segundo a qual estamos vivendo hoje o verdadeiro e autêntico jubileu, definido por Jesus como o "Ano da Graça do

Senhor" (Lc 4,19), "ano jubilar" que culminará na eternidade.

O que resta dizer então? Parece que estou a ouvir vocês dizendo: Fale de sua vida e da sua experiência como seminarista e sacerdote, ao longo desses cinquenta e poucos anos. Procurarei fazê-lo, falando de um modo simples, ao mesmo tempo com naturalidade e humildade, sobre algumas passagens de minha vida de seminarista e de sacerdote, acontecida ao longo de 65 anos: 8 de Seminário menor, 7 de Seminário maior, e 50 como presbítero da nossa Igreja.

1. Quero dizer-lhes, em primeiro lugar, que senti e sinto como é verdadeira, profundamente verdadeira, a palavra de Jesus, contida em Jo 15,5: *Sem Mim NADA podeis fazer*. Tenho lido e ouvido muitas vezes esta passagem da Escritura, mas devo confessar-lhes que ainda hoje não consigo alcançar-lhe o sentido mais profundo, pois Jesus e sua Palavra constituem um mistério consolador, inesgotável. Em muitos encontros e cursos, este evangelho da Videira e dos ramos (Jo 15, 1-17) é leitura

*"Jesus e sua
Palavra
constituem um
mistério
consolador,
inesgotável"*